

# O adversário da mesmice

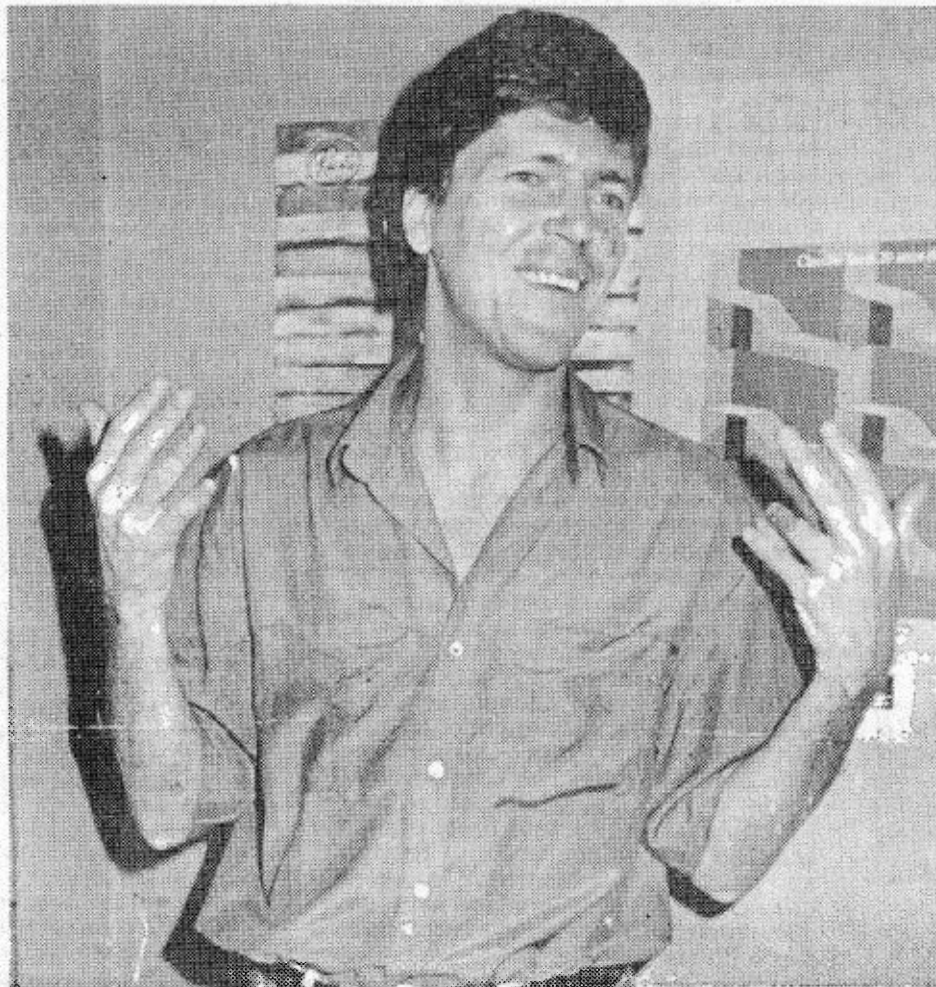
Lina de Albuquerque

**S**ÃO PAULO — Quem vê Sarcovas Yacoff circulando de bermudas coloridas xadrez e meias vermelhas pelos corredores da sua Artecultura, uma das mais audaciosas firmas de marketing cultural do momento, se convence logo: eis obviamente um empresário completamente fora dos padrões convencionais. Para os que só o vêem assim, fica difícil imaginar que, por trás daquela aparência quase yuppie, está um homem de negócios sério que conseguiu conciliar arte com um tratamento mercadológico considerado de primeira linha.

Da sua cabeça, já saíram as idéias de editar o único manual da Lei Sarney existente no Brasil, de montar uma exposição artística em plena dependência de um shopping center paulistano, de vender as obras pelo sistema de cartão de crédito e de presentear as mil respostas mais interessantes do público consultado no final das encenações da peça **Eletra com Creta**, do polêmico Gerald Thomas, em São Paulo, com uma sessão especial e brindes da Rastro (o investidor).

Para quem ainda não se situou, basta dizer que Yacoff produziu, recentemente, o espetáculo **Katastrofé**, que além de montar quatro peças inéditas do dramaturgo Samuel Beckett, reativou as discussões em torno desse autor pelos espaços alternativos e faculdades,

□ *Sarcovas Yacoff é um empresário não convencional, que conseguiu conciliar arte com um tratamento mercadológico, considerado de primeira linha*



inaugurando no Rio a Casa de Cultura Laura Alvim.

Para o próximo ano, Yacoff produz a esperada trilogia Kafka, de Gerald Thomas, com a cenografia e os figurinos de Daniela Thomas e trilha musical de Philip Glass; traz a montagem da ópera **Aknaten**, de Philip Glass e também dirigida por Thomas; e ainda agita um evento que promete reunir os performáticos mais criativos do mundo, como Pina Bausch e Joseph Svoboda.

Os orçamentos dos três principais projetos do próximo ano englobam produção e ação promocional completas, sem dar margem a nenhum imprevisto. **Kafka** estreia em São Paulo dia 29 de janeiro (o teatro ainda não está definido). Depois de permanecer 18 semanas na paulicéia, segue para o Rio, ficando, a partir de 1º de agosto, seis semanas no teatro Villa-Lobos. As temporadas parecem muito curtas, mas Yacoff explica: "Com toda a choradeira de que há poucos teatros nestas cidades, o fato é que existem muitos lugares vazios nos espetáculos. Uma das soluções é a concentração: as temporadas diminuem, as casas enchem e todo mundo assiste".

De abril a novembro, as performances e palestras estarão correndo, simultaneamente, pelo Rio (teatro ainda indefinido e palestras na Casa de Cultura Laura Alvim), Campinas e São Paulo.

Finalmente, no dia 13 de julho, estreia em São Paulo a aguardada **Aknaten**, ópera em 16 récitas de Philip Glass, no Teatro Municipal (e se as reformas ainda não estiverem terminadas, no teatro Sérgio Cardoso).

A ópera terá direção musical e regência de Michael Reisman e um coro de nada menos do que 80 vozes. No Rio, **Aknaten** estréia no dia 20 de julho, ficando até o final do mês no Teatro Municipal.

"A mesmice não é matéria-prima para o marketing cultural", comenta Yacoff. Enquanto ainda guarda segredo em torno de outros projetos para enriquecer as agendas culturais dos próximos anos, ele promete: "Minha atenção está totalmente voltada aos eventos inusitados, que mobilizam pelo impacto e pela repercussão".

Aos 18 anos, o então adolescente Yacoff, hoje com 33 anos, também teve outros estalos brilhantes: abandonar um curso de eletrônica, fugir de casa e morar na Informa Som, uma empresa de radioescuta que trabalha com os departamentos de marketing das gravadoras, recém-inventada por ele. Foi numa das salas da Informa Som, atualmente uma casa de 700 metros quadrados, próxima à Avenida Paulista, onde trabalham 120 funcionários, que há dois anos nasceu a Artecultura. "O Brasil carece de um marketing cultural moderno, voltado para o novo. E este é o negócio da Artecultura", diz. Com a sua nova cria, Yacoff só tem uma preocupação: a de voltar aos primórdios, isto é, ao tempo em que a Informa Som lhe exigia uma dedicação de quase 16 horas de trabalho: "Houve um período em que eu dormia e acordava trabalhando", lembra. "Mas valeu a pena".